



Na audiência com Fernando Henrique, Havelange (D) pediu verbas federais para a Rio 2004 e voltou a defender a demolição do Maracanã

Havelange pede apoio à Rio 2004

■ Presidente da FIFA diz que candidatura espera verba federal

Com uma brincadeira — “parabéns pela reeleição, presidente, mas o senhor tinha de seguir meu exemplo: estou na Fifa há 24 anos” — e um pedido de apoio financeiro ao projeto Rio 2004, João Havelange iniciou ontem, em Petrópolis, sua reunião com Fernando Henrique Cardoso. Segundo ele, a candidatura do Rio a sede das Olimpíadas depende imediatamente da liberação de, pelo menos, US\$ 5 milhões dos governos federal e estadual. Se o

Rio ficar entre as cinco cidades finalistas — a seleção será divulgada em Lausanne, Suíça, em 7 de março —, precisará de mais US\$ 8 milhões. O ministro das Comunicações, Sérgio Amaral, passará então a ser o coordenador da ajuda federal ao Rio, confirmou FH.

O presidente da Fifa chegou ao encontro acompanhado de Ronaldo César Coelho, presidente do comitê Rio 2004, e Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). “A única parte que cumpriu a sua missão até agora foi o governo municipal”, destacou Havelange. Ele combinou com Fernando Henrique que, assim como foi fei-

to na Cidade do Cabo, quando o chefe do governo brasileiro estiver em Roma, dirá que a capital italiana é a sua segunda cidade candidata às Olimpíadas, numa tentativa de ganhar a simpatia dos italianos.

Havelange voltou a defender a derrubada de todo o complexo esportivo do Maracanã — inclusive o maior estádio de futebol do mundo. “Tudo aquilo é velho, está errado e não serve para nada”, afirmou. Segundo ele, o atual Maracanã deveria dar lugar a um complexo moderno, seguindo o exemplo do estádio de Wembley, em Londres. “Por que nós não

podemos fazer a mesma coisa? Por que vamos ficar sempre com as velharias? Devemos nos colocar dentro do século que se aproxima”, disse.

Havelange se disse disposto a achar quem quiera, na iniciativa privada, construir o novo Maracanã. “Há firmas na Austrália, Inglaterra e Alemanha que teriam interesse nisso”, disse acrescentando que é fundamental assegurar à empresa o direito à exploração do complexo no período de 30 a 50 anos, com direito a renovação. “Ninguém vai gastar milhões e milhões de dólares por nada”, frisou.